

VOL II

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL II

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol II / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-38-5

DOI 10.37572/EdArt_280621385

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Professores - Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Mauricio Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDAD Y FORMACIÓN DOCENTE

“Só quem pode surgir com o povo é o novo.

E o novo são as crianças.

Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Segundo Volumen que tiene como eje temático **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDAD Y FORMACIÓN DOCENTE**. La evolución del conocimiento llevo a actualizar las prácticas pedagógicas en la formación docente como así también en los diferentes niveles educativos, desde el preprimario hasta el universitario, y en la formación tradicional como en las alternativas. Por ello, este volumen presenta numerosas propuestas que llevan a recorrer el espacio tiempo de la educación, asumiendo propuestas para enfrentar este nuevo periodo de la enseñanza virtual, a distancia y con los implementos tecnológicos que llevan a mantener la formación en los distintos niveles aun en el aislamiento que la situación sanitaria nos obliga.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

APRESENTAÇÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.
E o novo são as crianças.
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do o planeta.

No segundo volume, cujo eixo temático se intitula PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIVERSIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, a evolução dos saberes conduziu à atualização das práticas pedagógicas tanto na formação de professores como nos diferentes níveis de ensino, desde o pré-primário ao universitário, e na formação tradicional como alternativa. Por isso, este volume apresenta inúmeras propostas que nos levam a percorrer o espaço-tempo da educação, assumindo propostas para enfrentar este novo período da aprendizagem virtual, a distância e com os implementos tecnológicos que levam a manter a formação em diferentes níveis mesmo no isolamento. que a situação de saúde nos obriga.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

LA EDUCACIÓN DE LOS JÓVENES PARA LA CONSTRUCCIÓN DE CIUDADANÍA

Ester Susana Montaldo

Ana María Zabala

DOI 10.37572/EdArt_2806213851

CAPÍTULO 2.....12

¿SOCIOEPISTEMOLOGÍA EN LA FÍSICA?

Silvia Inés del Valle Navarro

María Luz del Valle Quiroga

Sonia Laura Mascareño

Anabela Beatriz Serrano

Gustavo Adolfo Juarez

DOI 10.37572/EdArt_2806213852

CAPÍTULO 3.....22

EDUCACIÓN Y DIVERSIDAD CULTURAL: DOS PROYECTOS DE EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE EN EL SURESTE MEXICANO

Sonia Comboni Salinas

José Manuel Juárez Núñez

DOI 10.37572/EdArt_2806213853

CAPÍTULO 4.....36

UMA LUTA HISTÓRICA, UM CONTEXTO ATUAL: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA

Douglas Gomes Nalini de Oliveira

Vandéi Pinto da Silva

DOI 10.37572/EdArt_2806213854

CAPÍTULO 5.....49

PRÁTICAS EDUCATIVAS: EXPLORANDO O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS MUSEAIS

Goreti Pélagué Pereira da Silva

Déborah Roberta Santiago Chaves Vilela

Zenaide Gregorio Alves

DOI 10.37572/EdArt_2806213855

CAPÍTULO 6	66
APRENDIZAJE BASADO EN RETOS, APLICADO EN ARTE TERAPIA	
Flora López Alvarado	
Mildred Vanessa López Cabrera	
Silvia Lizett Olivares Olivares	
DOI 10.37572/EdArt_2806213856	
CAPÍTULO 7	76
ACERCA DA APLICAÇÃO DOS SABERES DE MATRIZ AFRICANA AO ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL	
Edna Alencar de Castro	
DOI 10.37572/EdArt_2806213857	
CAPÍTULO 8	88
LA CIUDADANÍA VIVIDA EN EL JARDÍN INFANTIL: HETEROTOPÍAS QUE EMPODERAN A LA PRIMERA INFANCIA CHILENA	
Cynthia Yael Adlerstein Grimberg	
Andrea Bralic Echeverría	
DOI 10.37572/EdArt_2806213858	
CAPÍTULO 9	113
ALOJAR AL SUJETO EN EL VÍNCULO EDUCATIVO EN LA UNIVERSIDAD	
Gladys Esther Leoz	
DOI 10.37572/EdArt_2806213859	
CAPÍTULO 10	127
INVESTIGADOR EDUCATIVO Y GERENCIA DEL CONOCIMIENTO. IMPACTO Y RESULTADOS EN EL ISCEEM	
Ma. Dolores García Perea	
Alma Rosa Lara Contreras	
Laura Patricia Juárez Toledo	
DOI 10.37572/EdArt_28062138510	

CAPÍTULO 11..... 138

INTERCAMBIOS ACADÉMICOS DESDE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE CRIMINOLOGÍA, BUENOS AIRES 1935-1944

[Mariana Ángela Dovio](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138511

CAPÍTULO 12..... 149

CLAVES PARA REPENSAR LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA, EN EL MARCO DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES

[Maria Cecilia Zappettini](#)

[Maria Soledad Tarquini](#)

[Edgardo Santiago Salaverry](#)

[Vivian M. Sfic](#)

[Claudia Jorgelina Serrano](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138512

CAPÍTULO 13..... 169

EVALUACIÓN DE LA COMPETENCIA DIGITAL DE LA UNIVERSIDAD VIÑA DEL MAR

[Kathya Viviana Oróstica Verdugo](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138513

CAPÍTULO 14..... 178

CÓMO TRABAJAR LA COMPETENCIA COMUNICACIÓN EFECTIVA DESDE LAS MATEMÁTICAS

[Francisco José Boigues Planes](#)

[Valentin Gregori](#)

[Anna Vidal](#)

[Abilio Orts](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138514

CAPÍTULO 15..... 189

TAWA PUKLLAY ATIPANAKUY: LOS 4 JUEGOS SAGRADOS DE LOS INKAS EN COMPETENCIA ARITMÉTICO-LÚDICA

[Dhavit Prem \(Carlos Saldívar Olazo\)](#)

[Divapati Prem \(Alvaro Saldívar Olazo\)](#)

[Rosario Guzmán](#)

DOI 10.37572/EdArt_28062138515

CAPÍTULO 16..... 198

TRABAJO COLABORATIVO PARA DESARROLLAR EL SISTEMA DE CAMBIO EN LA CLASE DE MATEMÁTICA CON ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Vicente Marlon Villa Villa
Mayra Karina Flores Escobar
Rodrigo Enrique Velarde Flores
Manuel Antonio Reino Reino
Jacqueline Guadalupe Armijos Monar

DOI 10.37572/EdArt_28062138516

CAPÍTULO 17 207

O CONTEXTO EDUCACIONAL NA PANDEMIA DE COVID-19: POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO, INTERVENÇÃO E INTERAÇÃO NO APRENDER E ENSINAR MATEMÁTICA

Cília Cardoso Rodrigues da Silva
Cinthia da Silva Moreira

DOI 10.37572/EdArt_28062138517

CAPÍTULO 18..... 221

EL PROCESO DE FORMACIÓN DEL PROFESOR EN LÍNEA Y SU DESEMPEÑO EN LA EDUCACIÓN A DISTANCIA EN MÉXICO

Fabiola Flores Castro

DOI 10.37572/EdArt_28062138518

CAPÍTULO 19..... 235

COMPETENCIAS ANDRAGÓGICAS PARA EL FORTALECIMIENTO DE LA EDUCACIÓN VIRTUAL UNIVERSITARIA DURANTE LA PANDEMIA COVID-19

Derling José Mendoza Velazco
Derling Isaac Mendoza Flores
Luz Marina Flores Rodríguez

DOI 10.37572/EdArt_28062138519

CAPÍTULO 20247

SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL E A FORMAÇÃO DOCENTE

Raquel Soares do Rêgo Ferreira
Renato Borges Guerra
Gleison de Jesus Marinho Sodré

DOI 10.37572/EdArt_28062138520

SOBRE OS ORGANIZADORES	259
ÍNDICE REMISSIVO	260

CAPÍTULO 4

UMA LUTA HISTÓRICA, UM CONTEXTO ATUAL: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA

Data de submissão: 28/04/2021

Data de aceite: 19/05/2021

Douglas Gomes Nalini de Oliveira

Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília
(UNESP-FFC)
Marília - SP
<http://lattes.cnpq.br/9266751119001576>

Dr. Vandéi Pinto da Silva

Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília
(UNESP-FFC)
Marília - SP
<http://lattes.cnpq.br/2920026174965678>

RESUMO: A concentração de terras no Brasil, a partir da lógica do latifúndio, remonta desde o começo da era colonial. A mecanização do campo, última faceta deste mesmo processo, é fortemente estimulada pela lógica das Monoculturas, e encontrou na ditadura militar as condições favoráveis para seu desenvolvimento. É neste contexto que surge o MST, que representa um novo processo de luta no país. Oliveira (1996) destaca que o embate agora é para permanecer na terra, construindo um futuro baseado na negação do presente, realizando não somente a crítica, mas propondo novos

modelos de produção. Contra o agronegócio, que implica na utilização de diferentes insumos nas colheitas, propõe a Agroecologia como um projeto mais sustentável. Como aponta Stedile (2012), o que existe hoje de reforma agrária no país vem deste movimento. A educação se relaciona com a maneira como os sujeitos aprendem, ou seja, desenvolvem suas potencialidades dentro de determinada prática social, é um processo de entrar em contato com o outro, com a natureza e o trabalho, de modo a modificar ou reafirmar determinado comportamento. Diferentes práticas de ensino envolvem diferentes saberes, culturas e expectativas. A partir da análise do Plano de Estudos das Escolas Itinerantes do Paraná (Lurczaki et al., 2013), observamos algumas características determinantes na pedagogia do Movimento, como a preocupação com a vida em comunidade e a percepção do ambiente como a unidade complexa entre homem e natureza, buscando problematizar a visão que dicotomiza estes dois. Sua crítica se baseia, sobretudo, ao forte distanciamento entre os conteúdos de ensino e a realidade objetiva, que instaura um movimento de artificialização das escolas. De natureza Interdisciplinar propõe não uma discussão sobre o fazer, mas a inclusão da escola na prática social, procurando uma nova forma de organização do trabalho escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Pedagogia contra-hegemônica. Movimentos Sociais. Questão Agrária.

A HISTORICAL FIGHT, A CURRENT CONTEXT: THE MOVEMENT OF RURAL WORKERS WITHOUT-LAND PEDAGOGICAL PROPOSAL

ABSTRACT: The concentration of land in Brazil, based on the logic of the latifundium, dates back to the beginning of the colonial era. The mechanization of the countryside, the last facet of this same process, is strongly stimulated by the logic of Monocultures, and found in the military dictatorship the favorable conditions for its development. It is in this context that the MST emerges, which represents a new process of struggle in the country. Oliveira (1996) points out that the clash is now to stay on earth, building a future based on the denial of the present, carrying out not only criticism, but proposing new production models. Against agribusiness, which implies the use of different inputs in crops, it proposes Agroecology as a more sustainable project. As Stedile (2012) points out, what exists today in agrarian reform in the country comes from this movement. Education is related to the way the subjects learn, that is, they develop their potential within a given social practice, it is a process of coming into contact with the other, with nature and work, in order to modify or reaffirm a certain behavior. Different teaching practices involve different knowledge, cultures and expectations. From the analysis of the Study Plan of the Itinerant Schools of Paraná (Lurczaki et al., 2013), we observed some determining characteristics in the pedagogy of the Movement, such as the concern with community life and the perception of the environment as the complex unit between man and nature, seeking to problematize the vision that dichotomizes these two. His criticism is based, above all, on the strong distance between the teaching contents and the objective reality, which establishes a movement for the artificialization of schools. Interdisciplinary in nature, it proposes not a discussion about doing, but the inclusion of the school in social practice, looking for a new way of organizing school work.

KEYWORDS: Culture. Counter-hegemonic pedagogy. Social Movements. Agrarian Question.

1 QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL E O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA

A Questão da Terra na América Latina, assim como no Brasil, remonta uma história de muita violência e resistência, tendo como aspecto unificador nestes diferentes países a expansão colonial europeia, em que a iniciativa mercantil associada a uma lógica dominante, exportou boa parte dos ideais gananciosos e egoístas para o mundo. Poderíamos dedicar todo o trabalho a este levantamento histórico, e a descrição de alguns dos acontecimentos mais marcantes envolvendo a violência sofrida pelos nativos, ou o uso pernicioso da terra que se fez nos anos seguintes a república, com o uso intensivo de mão de obra escrava e a formação de uma sociedade extremamente desigual, fortemente marcada pelo acúmulo do poder e da conservação do *status quo* capitalista, amplamente amparado pelo Estado. Entretanto, destacaremos os aspectos

mais recentes da nossa história, para melhor compreendermos o contexto em que surge o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sempre tendo em vista este passado ainda latente no tecido da análise.

O debate acerca da utilização e ocupação da terra toma diferentes expressões de acordo com as propostas e os interesses defendidos, por isso a importância e a emergência de pensarmos os discursos sobre a “funcionalidade” da terra, tanto em seu sentido econômico, quanto político. Singer (1980) destaca que para uma análise séria do Campo é necessário um sólido referencial empírico, assim como um entendimento claro dos conceitos, de modo a interpretar o que os fatos realmente querem dizer, isso sobre um posicionamento geral em face à conjuntura da sociedade brasileira.

Segundo Soares (1976), grandes propriedades apresentam uma baixa produtividade por hectare cultivado, mais baixa que a média das pequenas propriedades, uma resposta parcial a este fenômeno seria a relação que se estabelece na utilização da terra.

Os pequenos proprietários necessitam cultivar intensamente seu pedaço de terra; não fazê-lo frequentemente significa não atingir o nível de subsistência. Já nas grandes propriedades, principalmente nas fazendas tradicionais, essa pressão não existe e a terra é mais um bem de inversão do que de produção, sendo também um fator de prestígio social e poder político. Assim, com frequência, terras adicionais são compradas sem um objetivo produtivo; o objetivo econômico mais frequente é a especulação imobiliária (SOARES, 1976, p.108).

Anteriormente à fundação do Movimento, remonta-se a história da concentração de terras desde o período das Capitânicas Hereditárias e a Lei de Terras de 1850. Podemos destacar ainda a importância das guerras de Canudos e Contestado, que já apresentavam como ditame a questão fundiária no país. A mecanização do trabalho representa o reflexo mais recente deste mesmo processo, e é fortemente estimulada pela implantação das Monoculturas vendidas em formas de commodities. Produz-se, neste movimento, um grande êxodo rural, que contribui para a expropriação do agricultor de seu meio de sobrevivência, que não implica simplesmente na perda de áreas cultiváveis, mas de toda a estrutura cultural com que lidavam, e os referenciais simbólicos sobre os quais operavam estes homens e mulheres.

O crescimento do capital investido na agricultura encontra na Ditadura Militar brasileira abertura para intensificar o processo de concentração da renda, a partir da instauração da Política de Desenvolvimento Agropecuário. Neste contexto, surge novas formas de luta entre os movimentos sociais que já existem no campo. A criação do MST representa um novo processo de luta no país. Como coloca Oliveira (1996), o embate acontece para permanecer na terra, e não para deixá-la, visando uma estratégia que se preocupa em construir um *futuro* baseado na negação do presente.

Trata-se do caráter surpreendentemente novo e inédito deste Movimento. Ele está, naturalmente, em continuidade com a inspiração de Ajuricaba, de Zumbi, de Antônio Conselheiro, de Julião, mas produz algo próprio que o identifica de forma inconfundível no correr desta belíssima história nossa de conquista da terra. (STEDILE; FERNANDES, 2012, p.10)

A questão da ocupação da terra faz parte da história nacional, e poderia ser tratada como um patrimônio brasileiro, estes movimentos do século XX trazem como novidade ocupações massivas, e “inarredáveis”, que debatem também *novos modelos de produção*. Como aponta Stedile: “Em todo caso, o que existe atualmente de reforma agrária no Brasil vem dessas ocupações” (STEDILE; FERNANDES, 2012, p.11). Estes novos modelos de produção tratam-se de experiências concretas da divisão do trabalho, racionalmente associado à divisão da renda. Agrega o trabalho comunitário e cooperativista, a técnica e a cultura de cada região, estimulando também um maior envolvimento do meio *rururbano*.

Este grande movimento, formado não só por pequenos agricultores, mas também por posseiros, atingidos por barragens e meeiros, assim como o envolvimento de intelectuais que historicamente colaboram, completou em 2016, 32 anos. Tem como diretriz a repartição das terras entre trabalhadores do campo, que só poderia ser integralmente realizada com a Reforma Agrária. Outra demanda da organização, que nos parece interessante é uma visão de mundo preocupada com a *sustentabilidade*, a partir da produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos, além de uma posição contrária às políticas neoliberais compreendidas como o “agronegócio”, expressa sobre a lógica da *agroecologia*.

O objetivo é bem mais amplo e profundo do que a simples reforma agrária. Trata-se de conseguir a mudança radical e imediata das estruturas de iniquidade que estão gerando o empobrecimento e a exclusão da maioria do povo brasileiro. (STEDILE; FERNANDES, 2012, p.12)

Esta perspectiva reflete-se na educação, campo em que diversos setores do movimento lutam para conseguir certa autonomia tanto em relação à pedagogia, quanto as metodologias geralmente utilizadas. Nesta proposição de buscar alternativas em relação ao modelo hegemônico, o MST constrói experiências de organização do trabalho e da produção, procurando enfrentar o modo capitalista de produção, resistindo à exploração e a expropriação, buscando promover a supremacia alimentar, fortalecendo os vínculos de solidariedade. Por estes fatores, o *futuro* ascende como uma categoria essencial para compreendermos a mística do movimento. Um movimento que se propõe a trabalhar com diferentes realidades necessariamente lida com espaços multidimensionais, tanto em relação à agricultura, forma predominante de renda na maioria dos assentamentos, quanto em relação às mentalidades e culturas dos sujeitos que compõem a organização.

Nos últimos anos o MST tem realizado ocupações em pelo menos 22 estados. No Centro-Sul do país, todavia, especialmente no Estado de São Paulo, o número de ocupações vem crescendo, intensificando os conflitos fundiários. O MST recoloca, dessa forma, a questão da reforma agrária e recupera o seu espaço, mais uma vez, no cenário político nacional. (FERNANDES, 1996, p.17)

Por envolver aspectos ambivalentes em relação à produção material da vida, como a relação entre expropriação e libertação, o *espaço*, em algumas realidades, é materializado por um processo social inerentemente contraditório, por isso surgem diferentes formas de articulação entre sociedade/espaço, numa relação dialética. É na luta que se forma a classe trabalhadora, são suas experiências que constroem as práticas sociais e que produzem as dimensões do espaço social e sua utilização. “Dessas experiências nascem o conhecimento, a consciência, a forma de organização e a resistência, enfim, a identidade de classe, desmistificando a aparência e transformando/conquistando uma nova realidade social.” (FERNANDES, 1996, p.25). Nesta perspectiva de produzir novos projetos, o MST permite a abertura para novas possibilidades e abordagens, que emergem de acordo com o momento histórico, a localidade, o conhecimento e as pessoas.

Esse resultado das práticas sociais das lutas populares, construídas na sua essência, em seu próprio tempo, ou seja, no tempo das experiências concretas – da práxis – durante o processo de luta e resistência. Produzir o seu próprio espaço significa necessariamente possuir um determinado controle sobre o seu tempo, pois o espaço e o tempo são as formas fundamentais, as condições básicas da existência humana. (FERNANDES, 1996, p.23)

Segundo Fernandes “este processo de construção/formação/elaboração é produto primeiro da ação comunicativa e se dimensiona como espaço de socialização política, na produção dos conhecimentos necessários para a transformação de suas realidades” (FERNANDES, 1996, p.21). Com o processo de mundialização da economia capitalista, surgem novos sujeitos sociais e novas articulações.

A Territorialização do MST abre a possibilidade para o renovar-se, e mais do que isso fortalece-o, finca alicerces, constrói as bases para continuar a luta. Abre possibilidades para edificar-se o território da liberdade e dos sonhos. Dos sonhos dos camponeses utopicamente reconstruídos na proletarianização e na luta pela conquista da terra. (OLIVEIRA, 1996, p.11)

Como colocado anteriormente, a terra apresenta não somente o caráter de valor produtivo, mas em grande medida, conserva suas características de capital especulativo, que inviabiliza seu uso.

O capital monopolista procura desenvolver-se da renda da terra camponesa, transformando-a, metamorfoseando-a em capital. Nesse caso, o capital, os monopólios não se territorializam, mas monopolizam o território marcado pela produção camponesa. (OLIVEIRA, 1996, p.12)

O território, por sua vez é marcado por estas questões de classe e de disputa política, “é um espaço transformado pelo trabalho” (OLIVEIRA, 1996, p.13) e por causa de todas as relações que envolve, inscreve-se na disputa por poder. Os conflitos fundiários são constantes em nosso país, portanto identificamos a forte presença dos movimentos sociais nos campos brasileiros, entre eles, o MST se destaca por sua amplitude e organização enquanto um movimento social da *classe trabalhadora*.

2 EXPECTATIVAS EDUCACIONAIS DO MST: A PROPOSTA PRÁTICA

A educação, produto e objeto desta análise, se relaciona a maneira como os sujeitos aprendem, ou seja, como desenvolvem suas potencialidades dentro de determinada prática social. É um processo de entrar em contato com o outro, com a natureza, o trabalho e os modos de vida, de maneira a modificar, ou reafirmar determinado comportamento. Diferentes práticas de ensino, envolvem diferentes saberes, culturas e expectativas. A educação do MST se preocupa com a vida em comunidade, sua base para o conhecimento do grupo, que envolve diferentes histórias e saberes tradicionais, e também sua conexão com o redor.

Nesta relação entre Homem e Natureza em que se desenvolvem as teias sociais de produção, a sociedade ocidental moderna inaugura um jeito muito peculiar de abordar a relação entre sociedade e natureza, compreendendo a segunda como um objeto, ou uma fonte de recursos. Esta leitura, produz implicações graves, sobretudo no que compreende a formação dos nossos jovens, ou mesmo dos nossos cientistas e pesquisadores, pois o ambiente é na verdade a unidade complexa de homem e natureza e essa visão que dicotomiza é parte do problema que precisa ser superado.

O capitalismo, como sistema mundo, produz uma desigualdade inigualável à qualquer outra forma de produção material encontrada na histórica, consome os recursos naturais de modo exponencial, muitas vezes sem se preocupar com o reaproveitamento, o a reciclagem de materiais, por estes motivos existem correntes da ecologia que diriam que o sistema capitalista se opõe à *vida*. Assim, a educação ambiental emerge como algo essencial para quem vislumbra um futuro em maior harmonia com as outras formas de vida no planeta, assim como uma proposta alternativa ao modelo hegemônico, que propõe não somente outra maneira de atuar sobre a natureza e seus produtos, mas também de observá-la e compreendê-la.

O Plano de Estudos selecionado nos ajuda a observar este fenômeno a partir da ótica dos assentados, mas para vislumbrarmos sua finalidade enquanto documento, este necessita ser compreendido como o:

[...] conjunto de decisões que fornece aos educadores elementos para definir a amplitude e profundidade dos conteúdos a serem ensinados, os objetivos tanto de caráter formativo como de ensino, as expectativas de desenvolvimento, as indicações das relações que tais conteúdos e objetivos têm com a vida cotidiana dos estudantes, bem como orientações metodológicas gerais que conduzam a uma organização da escola e do ensino com significado para os estudantes do campo. (LURCZAKI *et.al.*, 2013, p.11)

Segundo o documento, a iniciativa do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra em seu estímulo educacional a jovens camponeses nasce como uma contraproposta ao modelo atual, ou seja, aqueles difundidos pelos meios institucionais convencionais. Sua crítica se baseia sobretudo ao forte distanciamento entre os conteúdos de ensino e à realidade objetiva, grande paradigma que é tema de estudo de pesquisadores em diferentes campos. Sobre esta perspectiva, instaurou-se um movimento de *artificialização* das escolas, que se caracteriza pela banalização dos conteúdos de ensino, representados por um baixo domínio de conhecimentos.

Neste sentido, procurou-se definir um conjunto de objetivos que possibilitem um leque de conexões, que possibilite a introdução de situações práticas, consideradas como poderosas articuladoras entre as várias disciplinas, atribuindo desta maneira uma natureza *interdisciplinar* entre os conteúdos trabalhados, as categorias de conhecimento e seus procedimentos, considerando que “não se trata de uma reflexão sobre uma prática, mas da inserção da escola na prática social.” (LURCZAKI *et. al.*, 2013, p.12). Portanto, o plano, mais do que orientações metodológicas para o educador, pretende indicar uma nova forma de organização do trabalho escolar.

Em sua concepção de educação e as matrizes formativas para seu funcionamento, está inserido a contribuição na formação de um projeto educativo comprometido com a igualdade social e a participação plena de todas as pessoas, conforme suas necessidades e capacidades. Participação nos processos de decisão e de produção da vida, em todas as suas dimensões, no sentido de ajudar a formar seres humanos mais capazes e dispostos a assumir, como lutadores, a construção de novas relações sociais, a começar pelos assentamentos onde vivem. Buscar uma visão de mundo que valorize a iniciativa individual, multilateralmente desenvolvida e amparada pela apropriação de conhecimentos científicos relevantes e que permitam relacionar teoria, técnica e prática à seus hábitos sociais, valores de convivência e trabalho coletivo.

Esta concepção de educação se propõe a extrapolar as fronteiras da escola, procurando entrar dentro dela, de modo a permitir o entendimento do próprio Movimento, sua dinâmica de luta, seu trabalho, e participação política, também como experiências educativas, buscando na vida concreta o seu sentido verdadeiro. Desta maneira, ou a partir da Pedagogia do Movimento, poder-se-ia inspirar diferentes práticas educativas, pois:

Reafirma uma concepção de educação, de formação humana, que não é hegemônica na história do pensamento ou das teorias sobre educação, e que não está também na base de constituição da instituição escola: trata-se de uma concepção de base *histórica, materialista e dialética* para a qual é preciso considerar centralmente as condições de existência social em que cada ser humano se forma: a produção da existência e a produção ou formação do ser humano são inseparáveis (Marx). Não há formação da consciência fora da vivência das relações sociais e elas são históricas, como o são os objetivos formativos e todos os processos educativos. E não há desenvolvimento histórico (social e pessoal) sem contradições e as decisões tomadas para enfrentá-las. Por isso, não há como discutir um projeto educativo sem incluir a dimensão das relações sociais em que educandos e educadores se inserem para que aconteça a prática educativa. (LURCZAKI *et.al*, 2013, p.14)

Pensar a educação sobre determinado meio, sua materialidade, atualidade, cultura, natureza e sociedade, tendo como centro o *trabalho*, entendido como atividade humana criadora, permite a defesa de matrizes como: *trabalho, luta social, organização coletiva, cultura e história*. A questão é, portanto, intencionalizar o planejamento, explicitar os objetivos, mas também se manter aberta aos imprevistos, aos impestivos, buscando sempre relacionar as possibilidades do conhecimento e do trabalho.

A escola precisa estar vinculada à vida, à realidade atual, adequando níveis de complexidade crescente ao desenvolvimento intelectual das diferentes idades. É fundamental, sob este ponto de vista, discutir as contradições, evitando a formação unilateral dos sujeitos, valorizando os processos coletivos de discussão. A premissa básica é que deve haver capacidade coletiva de análise da situação atual da escola, saber para onde se vai e com quais objetivos.

A superação das formas de trabalho alienadas acontece, transformando os sujeitos em humanos trabalhadores, conscientes de sua reflexividade e do produto de seu trabalho, estimulando formas de organização cada vez mais complexas e cooperativas. Assim, o ambiente educativo deverá ser organizado pelo princípio da atividade, e da relação entre teoria e prática, da inserção dos estudantes em diferentes formas de trabalho socialmente útil, buscando garantir o exercício real da organização coletiva do trabalho, em diferentes formas e crescente nível de exigência. Os estudantes devem desenvolver, ou se envolver em experiências que lhes permitam compreender o que são *práticas agroecológicas*.

A diretriz da escola é desenvolver nos jovens *posturas cotidianas intencionalizada*, pressionando as circunstâncias para que estas sejam diferentes, construindo a convicção de que nada é impossível de se mudar, por isso a importância de se conhecer cientificamente outros movimentos sociais e suas conquistas. A aprendizagem de hábitos e habilidades que permitam aos jovens trabalhar coletivamente e agir organizadamente no cumprimento das tarefas, favorecendo a participação ativa e o estímulo a formas cada vez mais coletivas de gestão, é o centro.

A cultura, considerada como a experiência humana de participação no trabalho, luta e organização coletiva se traduz no modo de vida ou em um jeito de ser humano (grupos e pessoas) que produz e reproduz conhecimentos, e que passa a ser herança compartilhada de valores, objetos, saberes, ciências, artes e tecnologias, e que precisa ser observada sobre suas diferentes manifestações, favorecendo o cultivo da identidade de trabalhadores sem-terra, com o propósito de ajudar a guardar a raiz do movimento, sua memória coletiva, consciência histórica e simbologia, pensando a recriação de seus modos de vida camponês e seus modos de pensar a agricultura.

Segundo esta concepção de mundo, a dimensão educativa está no próprio movimento da realidade e da história, e por isso a necessidade de buscar alternativas para superar as contradições presentes. Para tanto é preciso exercitar a análise do movimento da realidade, primeiro como noções práticas e depois teóricas. Esta cumplicidade entre escola e vida é a base da nova forma escolar das escolas itinerantes, tendo em vista que: “Se o campo necessita dos mesmos conhecimentos que a escola urbana desenvolve, ela o faz segundo uma realidade social bastante diferenciada.” (LURCZAKI *et.al*, 2013, p.22)

A busca por organizações mais justas e democráticas, se estruturam sobre a base de uma boa formação, composta de conhecimentos aplicáveis e também autoestima, que se caracteriza como a energia para o fazer e acreditar nas realizações, estes objetivos procuram se inserir também no funcionamento político interno dos próprios espaços educativos, valorizando a tomada de decisão por parte dos estudantes e o cumprimento destas, criando mecanismos participativos que não ignoram a institucionalidade da escola, mas que busque alternativas aos problemas que necessitam intervenção.

Não bastam, aqui, mecanismos de cunho representativo nos quais os educandos são sempre representados de forma minoritária, como os conselhos escolares, por exemplo. Trata-se de permitir a condução de processos na escola com apoio e orientação dos educadores profissionais, mas processos que implicam responsabilização real pelo cumprimento de objetivos que afetam a vida de todos. (LURCZAKI *et.al*, 2013, p.24)

Neste projeto de horizontalização da escola, os estudantes precisam tomar decisões sobre o seguimento de seus estudos, claro com a orientação e o auxílio dos profissionais educadores, mas implicando processos que necessitam responsabilidade real pelo cumprimento de objetivos que afetam a todos. Estes mecanismos participativos, como a Comissão Executiva de Assembleia, organizam obrigatoriamente no começo e no final dos semestres estes espaços de discussão incluindo toda a comunidade, atribuindo a este também outras possibilidades formativas, como o exercício da autonomia.

A proposta de uma nova educação pelo movimento, também reestrutura os tempos destinados a determinada finalidade durante o aprendizado. Estes são

organizados como: Tempo Abertura, Trabalho, Leitura, Reflexão, Escrita, Cultura, Aula, Estudos, Oficina, Notícia, Estudo Independente Orientado, Tempo dos Núcleo Setoriais e Tempo dos Educadores, implicando uma série de “*atividades extraclasse*” que possibilitam uma maior percepção do mundo global e uma apropriação do espaço local. É importante destacar que a forma escolar proposta não está centrada no verbalismo da sala de aula, nem mesmo pode ser conduzida unicamente no interior dela, implica numa atualização periódica dos inventários, identificação das fontes educativas no meio.

A forma selecionada para organizar os objetivos de conhecimento em cada fase recebe o nome de Complexos, e as disciplinas têm a flexibilidade para transitar dentro de cada complexo e entre os complexos, que começam a partir do sexto ano de escolarização do ensino fundamental. Estes momentos de aprendizagem representam uma problemática cujo entendimento a ser desvendado pelo estudante ativa sua curiosidade, fazendo uso dos conceitos, categorias e procedimentos das várias ciências e artes que são objeto de ensino em uma determinada série. “O complexo tem uma prática social real embutida em sua definição.” (LURCZAKI *et.al.*, 2013, p.31), assim estas “porções de realidade” procuram estar interconectadas, buscando uma correlação entre a aprendizagem e a vida, ou em outras palavras atribuindo sentido à relação teoria/prática.

3 MENÇÃO AO PROJETO AGROECOLÓGICO

Uma dimensão importante a ser levada em consideração, que representa em grande sentido a filosofia com a qual o MST opera é a Agroecologia, por isso mencioná-la, por estar intimamente relacionada ao trabalho e a relação que este estabelece com o mundo. Agroecologia, como destaca Pires e Blum (2016) representa uma perspectiva de integração, entre diferentes áreas do saber, e com diferentes abordagens metodológicas com perspectivas ao ambiente, considerando que:

[...] deve fazer a crítica ao pensamento científico convencional, revelando o etnocentrismo sociocultural das ciências sociais como construção histórica que centra sua pesquisa em uma proposta civilizatória única e excludente e, por outro lado, deve modificá-lo, resgatando, entre outras coisas, as práticas “campezinhas e indígenas” que historicamente vem demonstrando formas alternativas e sustentáveis de organização socioproductiva (PIRES E BLUM, 2016, p. 276 *apud* Sevilla Guzmán, 2011, p.12).

É de interesse dos assentamentos fortalecer este vínculo com a natureza, que implica também um fazer político e um pensamento que orienta a ação, uma práxis, disposta a estabelecer um fazer agroecológico.

Em meio a essa conjuntura, a concepção de cooperação no MST busca transcender a simples questão de produção ou mesmo de organização jurídica

burocrática. Ela também deve potencializar uma formação política e ideológica necessária para que os assentados participem em lutas e reivindicações solidárias a outras categorias que não só as do trabalhador do campo (NOVAES, 2016, p.114).

As pesquisas científicas cada vez mais precisam estar atentas ao direcionamento das políticas públicas no que tange aos ambientes naturais ainda preservados, este projeto colabora por incluir na pauta reflexiva a questão ecológica e por considerar a peculiaridade da educação ambiental como elemento formativo de grande valor. O conhecimento produzido pode colaborar com a produção de alimentos realizada por parte dos assentamentos, por deter grande disponibilidade de informações sobre a vegetação e a formação florestal regional. Outra questão importante é o estímulo de parcerias entre instituições públicas, movimentos sociais e ações educativas na tentativa de promover a cidadania e um maior interesse pelo bem público, estimulando a cooperação e a produção de conhecimentos necessários para transformar positivamente nossas práticas sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossa pesquisa a partir dos questionamentos de Lévi-Strauss (2011), que sintetizam bem nossas inquietações e interesses e mostram a importância de aprender com os outros e buscar melhores maneiras de lidar com o mundo:

A civilização de tipo ocidental perdeu o modelo que dera a si mesma, já não ousa oferecer esse modelo as outras. Portanto, não convém olhar para outros lugares, alargar os quadros tradicionais em que se fecham nossas reflexões sobre a condição humana? Não devemos aí integrar experiências sociais mais variadas e mais diferentes das nossas, além dessas em cujo horizonte estreito por muito tempo nos confinamos? Posto que a civilização de tipo ocidental não encontra mais em seu próprio fundo com o que se regenerar e tomar novo impulso, pode ela aprender alguma coisa sobre o homem em geral, e sobre si mesmo em particular, nessas sociedades humildes e por muito tempo desprezadas, que até época relativamente recente haviam escapado à sua influência? (LÉVI-STRAUSS, 2011, p.12)

A partir desses questionamentos, realizamos os apontamentos necessários para questionarmos o lugar da Cultura, em meio às discussões sobre o campo e os avanços do agronegócio, podemos afirmar, sobre a luz de Sahlins que: “A ‘cultura’ não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos” (SAHLINS, 1997, p.41). As diferentes formas de vida, quando observadas a partir da temática da inclusão e não da instrumentalização, podem servir de ferramenta para atacar os processos de dominação.

Para melhores abordagens, é necessário levarmos em conta que “em si mesma, a diferença cultural não tem nenhum valor. Tudo depende de quem a está tematizando,

em relação à situação histórica mundial.” (SAHLINS, 1997, p.45). As ciências sociais, produzidas em um viés crítico, percebe que a cultura aparece, contemporaneamente, como uma antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar sua identidade, como para retornar o controle sobre seu próprio destino.

A valorização de outros modos de estar na natureza, permite-nos questionar os mitos burgueses, “visto que as concepções dos filósofos iluministas eram inteiramente conscientes com a sensibilidade burguesa, a antropologia contra-iluminista se desenvolveu como uma crítica do individualismo radical – sobretudo com a negação de sua universalidade” (SAHLINS, 1997, p.47), estimulando solidariedades assentadas sobre outros meios. Estas várias formas de resistência cultural, marcam a iniciativa de incorporar o sistema mundial a uma ordem mais abrangente: seus próprios sistemas de mundo.

Para estarmos organizados de forma a questionar a supremacia racional ocidental, sobretudo implicada nas práticas de cultivo mencionadas e em sua difusão massiva pelos campos brasileiros, precisamos estar atentos a este paradoxal enriquecimento da cultura tradicional que acompanha a interação à economia global. “Mesmo sofrendo a alienação de seu trabalho, eles mantiveram um sentido inalienado de sua própria atividade – construindo seu próprio ser com meios significativos que lhes pertenciam.” (SAHLINS, 1997, p.57).

A “cultura” assumiu uma variedade de novas configurações e conotações, podemos destacar a importância do MST nas lutas populares por acesso à terra no Brasil, interessado não só em problematizar a supremacia alimentícia do país, mas também afirmar outros modelos de organização política e social, por meio dos assentamentos organizados a partir das Cooperativas e do Trabalho Associado.

O objetivo inicial deste trabalho era problematizar as práticas do capital agrário, a partir de um viés culturalista, e discutir o papel dos movimentos sociais na construção de novos paradigmas para pensarmos a educação. É preciso levar em consideração a dificuldade de se estabelecer um movimento organizado e contra hegemônico, sobretudo nas regiões rurais, mas também as diversas conquistas materiais do movimento como a criação de diversos assentamentos no interior paulista, ou mesmo teóricas a partir do desenvolvimento de materiais pedagógicos específicos para alunos do campo, ou com a criação e defesa das Escolas Itinerantes do Movimento, disposta a formar culturalmente, tanto prática quanto epistemologicamente, seus jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Formação e Territorialização em São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

NOVAES, Henrique T., PIRES, João Henrique e SILVA, Douglas R. **Cooperação e cooperativismo do MST de São Paulo: uma análise das ações do Estado capitalista que bloqueia o potencial educativo do trabalho associado**. In: Questão agrária, cooperação e agroecologia. / Angelo Diogo Mazin, Henrique Novaes, João Henrique Pires [e] Joice Aparecida Lopes (organizadores). – 1.ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

LURCZAKI, A. et. al. **Plano de estudos das escolas itinerantes do estado do Paraná**. 2013.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Prefácio. FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Formação e Territorialização em São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PIRES, J. H. S.; BLUM, D. Semeando Agroecologia. NOVAES, Henrique T., PIRES, João Henrique e SILVA, Douglas R. **Cooperação e cooperativismo do MST de São Paulo: uma análise das ações do Estado capitalista que bloqueia o potencial educativo do trabalho associado**. In: Questão agrária, cooperação e agroecologia. / Angelo Diogo Mazin, Henrique Novaes, João Henrique Pires [e] Joice Aparecida Lopes (organizadores). – 1.ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2016.

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (partes I e II)**. Mana: 41 – 150. 1997.

SINGER. Prefácio. SANDRONI, Paulo. **Questão agrária e campesinato. A “funcionalidade” da pequena produção mercantil**. São Paulo: Livraria e editora Polis Ltda. 1980.

SOARES, Gláucio A. D. **A questão agrária na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente, a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. – 2º ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Expressão Popular. 2012.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actitud de empresario 128

Andragogía 235, 243, 244, 245

Aprendizagem matemática 207

Aprendizaje basado en competencias 66, 75

Aritmética lúdica 189

Arte terapia 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74

Atividade de Estudos e Investigação (AEI) 247

Autonomía 8, 22, 32, 33, 34, 39, 44, 57, 78, 79, 90, 124, 133, 134, 153, 160, 200, 211, 227

C

Ciudadanía 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 175

Competencia 71, 72, 73, 150, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 189, 234, 236, 242, 243

Competencia digital 150, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177

Competencias docentes 235

Covid-19 207, 208, 209, 219, 235, 236, 237, 244, 245

Criminología 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Cuestionario de Autorreflexión 66, 67, 71, 73

Cultura 4, 6, 11, 14, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 56, 60, 61, 64, 68, 69, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 99, 106, 115, 116, 117, 120, 122, 125, 133, 142, 145, 154, 155, 158, 160, 167, 168, 170, 175, 219, 230, 234, 242

D

Docencia Universitaria 188, 199

E

Educação em museus 48, 50, 51, 52, 60

Educação Musical 76, 80, 87

Educación 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 67, 68, 69, 74, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 102, 109, 111, 112, 114, 115, 125, 126, 127, 128, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167,

168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 188, 195, 198, 199, 200, 204, 206, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 246

Educación a Distancia 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 231, 232, 234

Educación alternativa 22

Educación superior 115, 157, 169, 170, 171, 175, 176, 177, 225, 234, 235, 236, 245

Educación virtual 167, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 240, 243, 244

Efectiva 1, 2, 68, 73, 133, 174, 178, 179, 182, 188, 225, 236, 238, 239

Enseñanza 5, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 30, 67, 68, 69, 72, 90, 103, 106, 107, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 179, 181, 192, 193, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 221, 222, 223, 224, 228, 230, 231, 234, 236, 239, 242, 243, 244, 246

Ensino de história 49, 51, 52, 56, 63, 64, 65, 77

Ensino remoto 207, 208, 210, 211, 212, 218, 219

Entornos Virtuales 221, 234

Estudiantes 8, 10, 16, 17, 18, 19, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 134, 135, 153, 154, 155, 158, 159, 161, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 183, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 231, 235, 237, 238, 241, 242, 243, 244, 245

Etnomusicologia 76, 80

Evaluación 75, 91, 157, 158, 169, 170, 175, 176, 177, 188, 195, 201, 224, 227, 231, 234, 238, 239, 243, 245

Exclusión 4, 8, 23, 30, 113, 114, 119, 124

Experimentación 13, 14, 107, 191, 192, 245

F

Facilitador 221, 227, 236, 240, 241

Física 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 155, 219, 246, 252, 253

Formação de professores 247, 248, 249, 257, 258

G

Geografía escolar 150, 167

Gestión del conocimiento 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137

Google Meet 207, 208, 209, 211, 212

H

Heterotopías 88, 89, 90, 93, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110

I

Identidad 1, 2, 4, 5, 6, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 99, 122, 159, 160, 175

Inclusión 1, 2, 3, 8, 10, 37, 113, 114, 120, 121, 123, 153, 160, 162

Intercambios académicos 138, 146

Interculturalidad 22, 32, 34

J

Jamborad 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Jardín infantil 88, 89, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 106, 107, 109

Juego matemático 189

Juventud 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11

K

Knowledge works 128, 133, 135

M

Matemáticas comunicación 178

México 20, 21, 22, 30, 31, 34, 35, 66, 74, 127, 128, 134, 136, 177, 189, 206, 221, 222, 223, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Modelos matemáticos 13, 15, 16, 17, 20

Movimentos sociais 36, 38, 41, 43, 46, 47

Música 29, 68, 76, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 165

P

Pedagogia contra-hegemônica 36

Política educativa 24, 149, 150, 151

Práticas educativas 42, 49, 58, 63

Primera infancia 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 109

Processo de Ensino 49, 76, 210

Profesor 18, 22, 141, 142, 143, 145, 153, 179, 183, 202, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 239, 241, 245

Q

Questão Agrária 36, 37, 48

R

Reconocimiento e identidad 22

S

Saberes 1, 2, 4, 12, 13, 17, 20, 22, 24, 25, 30, 32, 36, 41, 44, 51, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 117, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 168, 247, 251, 257, 258

Saberes indígenas 22

Significaciones sociales 113, 115, 119

Sistema de cambio 198, 199, 200, 202, 203, 204

Sistemas de Numeração Decimal 247

Sociedades científicas 138, 141

Socioepistemología 12, 13, 14, 15, 20

T

Tawa Pukllay 189, 192, 193, 195, 196

Teoria Antropológica do Didático (TAD) 247, 249

TICs 72, 163, 164, 167, 221, 222

Trabajador del conocimiento 128, 133, 136

Trabajo colaborativo 68, 72, 131, 132, 134, 166, 174, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206

U

Universidad 1, 11, 12, 20, 22, 34, 66, 75, 88, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 135, 137, 138, 139, 141, 148, 167, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 188, 189, 198, 199, 200, 203, 205, 206, 221, 225, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 241, 242, 244, 245

Y

Yupana 189, 192, 196



**EDITORA
ARTEMIS**